

# Aspectos do Comportamento Sexual de Adolescentes Masculinos da Região Sul do Estado de Minas Gerais **6**

---

Resumo e comentários de Oswaldo M. Rodrigues Jr.<sup>1</sup>

BRITO, M. A. K. *Aspectos do comportamento sexual de adolescentes masculinos da região sul do estado de Minas Gerais* (monografia). Curso de Especialização Livre em Sexualidade Humana, Instituto H. Ellis, São Paulo, 1992.

A autora pesquisou o comportamento sexual de 320 adolescentes do sexo masculino, em serviço militar durante o ano de 1992, em Pouso Alegre (MG). Houve o cuidado de se garantir anonimato em situação em que a hierarquia poderia decidir pela divulgação dos nomes dos entrevistados.

Os resultados apresentam os amigos e professores como a fonte de obtenção de informações sexuais, sendo que, quando há fontes na família, a mãe é mais citada do que o pai no ensino e na transmissão de informações sobre sexo.

A masturbação foi considerada um mal para a saúde para 11,24% dos pesquisados e 6,8% apontou que esta é pecado. As idades compreendidas entre 14 e 17 anos foram os momentos em que se deram as primeiras relações sexuais para 60% dos pesquisados, motivadas pelo desejo sexual e pela curiosidade, sendo que um terço dos pesquisados considerava-se preparado para o primeiro coito. Apenas 6,56% não havia se iniciado sexualmente à idade do serviço militar. As parceiras para o primeiro coito

---

1. Psicólogo, terapeuta sexual associado ao Instituto H. Ellis (SP), mestrando em Psicologia Social pela PUC-SP; vice-presidente Sudeste da SBRASH.

Recebido em 28.03.93

Aprovado em 10.04.93.

foram principalmente uma amiga (35,41%) ou a namorada (27,81%), o qual ocorreu na casa do pesquisado ou na da parceira. Comportamentos bissexuais foram detectados em 5% dos estudados, sendo que 0,3% se identificou como homossexual. A homossexualidade não foi considerada natural, sendo que para 25% dos soldados é considerada desvio e pecado. A autora considerou 40% da mostra como promíscua. Dos pesquisados, 83,75% referiram necessita de mais informações sobre sexualidade, e 55% afirmaram que a educação deverá ser igual para homens e mulheres. Metade dos jovens casar-se-ia com mulheres não virgens, acreditando (55%) que o coito deveria ser praticado entre namorados e noivos. A gravidez da parceira e o risco de adquirir doenças sexualmente transmissíveis são as principais preocupações na vida sexual destes jovens soldados, 8,75% já havia contraído DST, especialmente gonorréia, sendo que apenas um terço utiliza métodos preventivos em todas as relações sexuais. Acreditam que homens e mulheres devem ser fiéis, e a infidelidade masculina seria sinal do fracasso do casamento.

A autora conclui que pais e professores deveriam assumir mais a educação sexual das crianças. Conclui, também, que pesquisas do mesmo tipo deveriam ser conduzidas com relação às mulheres jovens.

Os resultados são interessantes e refletem uma condição que, talvez não podendo ser generalizada, deve ser repetida em outros centros do país. São estudos deste tipo que possibilitarão o desenvolvimento técnico de profissionais brasileiros qualificados e adequadamente instrumentalizados para atuar em orientação sexual de adolescentes e de médicos sanitaristas e dermatologistas, em trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis.

A autora demonstrou ser uma possibilidade a pesquisa regionalizada e que esta traz dados e fatos com os quais ela própria terá que lidar em seu cotidiano profissional. Desta forma a autora dá um exemplo a ser seguido por profissionais que trabalham com sexualidade humana em um país tão vasto como o Brasil, posto que o que se considera verdadeiro em uma região não o é em outra e necessita ser conhecido em suas diferenças e similitudes. Ao serem conhecidas as variações comportamentais e atitudinais sobre a sexualidade, o profissional pode desenvolver um trabalho adequado àquela população. A pesquisa de Brito é uma conclamação a nós, outros profissionais em sexualidade, para desenvolvermos as nossas próprias pesquisas em nossa realidade próxima.